REVISTA EDUCAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA
VOLUME 00, NÚMERO 20 (2023) PPGE/UNESA. RIO DE JANEIRO.

https://doi.org/10.5935/2238-1279.20230055

Conversa com/entre Redes de Investigação-Formação Docente na América Latina

Allan Rodrigues
Universidade Estácio de Sá
allancr@id.uff.br
https://orcid.org/0000-0003-0233-7697

Aline Machado Dorneles
Universidade Federal do Rio Grande
lidorneles26@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-7110-9378

Carmen Sanches Sampaio
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
carmensanches.unirio@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-8654-4428

Assumimos a conversa, no lugar de uma entrevista. Conversa como caminho para narrar, documentar, relembrar e reviver experiências com coletivos docentes e redes de investigação-formação docente na América Latina.

Allan: Quero, inicialmente, agradecer imensamente a professora Carmen Sanches que se tornou minha professora pelos seus escritos, ideias, encontros, enfim... Carmen, estamos nessa missão de organizar esse dossiê centrado na temática: Coletivos Docentes, Redes de Formação e Redes Curriculares na América Latina, buscando pensar em uma perspectiva de formação docente que aposta no coletivo, na solidariedade e, acima de tudo, em processos formativos comprometidos com a formação humana. Penso que a ideia de coletivo reúne os princípios éticos e políticos da solidariedade e da emancipação social: um pensar junto, fazer junto; ser tocado por afetos... Para mim, a Carmen professora e a Carmen amiga, nos ensina e inspira de uma certa forma, sobre a possibilidade de relações entre as escolas e a universidade através de um diálogo vivo e permanente que seja constitutivo do processo vivenciado. Acho que a nossa conversa pode começar por aí, concordam? Convido, então, a professora Aline para entrar nesta conversa!

Aline: Desde o Sul chego nesta roda de conversa com meu mate! As rodas de mate, rodas de chimarrão são um convite para o encontro de amigos queridos! Que linda oportunidade de conversar, mesmo nesses atropelamentos da vida, nas loucuras desse tempo cronológico que, por vezes, buscamos esquecer, sendo quase impossível escapar dele. Acredito que o universo se responsabiliza de aproximar

as pessoas... Professor Allan me convida: -vamos fazer uma conversa com a Professora Carmen? Não pensei duas vezes e, respondo: -Claro!
Mesmo com tantas coisas, desejava muito estar nessa roda! Fui revivendo memórias e escrevi um convite para Carmen e, ao escrever senti que o convite era para mim, também. E o desejo foi o de começar esta conversa rememorando nosso primeiro encontro.
Conheci Carmen em Buenos Aires, entre os meses de maio ou junho de 2015. Fazia muito frio! Nos encontramos em um café próximo da FILO (Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires), uma típica cafeteria portenha, com um ambiente lindo e acolhedor. Daniel[1] me disse: -Ah! Está vindo uma professora do Brasil que eu quero que tu conheças…
Carmen e eu passamos uma semana juntas em Buenos Aires. A sensação era a de que já nos conhecíamos há muito tempo. Fizemos um recorrido, como dizem os argentinos, nas livrarias, tomamos ótimos cafés, almoçamos em um lugar lindo, momentos guardados na memória.
Conheço Carmen quase no final do meu doutorado sanduíche na UBA, em julho de 2015. E, já no final de agosto embarco para conhecer o Rio de Janeiro, e ter a oportunidade de reencontro com Carmen. Resgatei o e-mail, e olha que coisa mais linda. Ela me diz assim: -Aline, Daniel está vindo para o encerramento de uma disciplina da pós-graduação. Retorno dizendo: - estou indo com uma colega da FURG para o encontro! Ela preocupada, pergunta: -Que horas vocês chegam? Tiago e Rafael querem e podem recepcionar vocês no aeroporto. Eu não conhecia o professor Tiago Ribeiro, conheci nesse dia. Ela finaliza o e-mail, entre dois pontos "Carinho de redes. Tiago me disse que vai te enviar um e-mail. Aproveitem e conheçam pela manhã o Pão de Açúcar, que fica quase ao lado da universidade. Basta atravessar um túnel pequeno, perto de onde estão". E, com seu modo cuidadoso de ser, diz: -Mas não façam isso a pé. Logo vocês chegam na Urca.

Carmen: O túnel do Rio Sul, Allan…

[risos]

Aline: Reencontro nossos guardados e penso que intenso foi tudo! Ao ponto de agosto já estar indo conhecer o Rio, um dos meus sonhos. Conheci o Rio de Janeiro, fui acolhida por Tiago e Rafael, conheci tanta gente linda, foram dois intensos dias.
Mas, deixa eu puxar um outro fio de conversa sobre a temática desse dossiê que nos propõe pensar nas redes de investigação-formação docente, que nos convida a falar da vida, de quem somos, da mulher que nos constituímos.
No caso de Carmen, da mulher, da mãe, da professora, da investigadora e da narradora que se constitui. Então, Carmen, queria começar assim, que a gente pudesse conversar sobre: **Que histórias nos constitui e que nos fazem estar aqui hoje?**

[1] Estava realizando o Doutorado Sanduíche sob a orientação do Prof. Dr. Daniel Suárez, professor da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires.

Carmen: Aline, você fala e fico pensando nos dois cafés que íamos juntas e, algumas vezes, com o Daniel. Vivenciamos boas conversas regadas a gostosos cafés! Eles não existem mais... Você se refere ao ano de 2015. Eu já havia finalizado o pós-doc - cursado entre julho de 2011 a agosto de 2012-, sob a supervisão do Daniel, mas, retornava a Buenos Aires, de vez quando, pois a Rede Formad (Rede de Formação Docente: narrativas e experiências), criada no ano de 2010, no Rio de Janeiro, já estava enredada a algumas redes argentinas.

Você destaca um tema que nos envolve, o das *redes de investigação-formação docente*, que nos convida a falar da vida, de nós, mulheres-professoras... lembro-me da dissertação de um estudante, Igor Helal, uma das primeiras do Grupo de Pesquisa: Práticas Educativas e Formação Docente (GPPF/UNIRIO) porque, lá atrás, já vivenciávamos estudos e pesquisas vinculadas a nossas vidas, *pesquisa-vida*, como nomeamos na dissertação do Igor. Ações de *investigação-formação* articuladas ao que nos atravessa, movimenta, inquieta. Tiago Ribeiro, amigo, professor do Instituto Nacional de Surdos/INES), *espicha*, como ele gosta de dizer, essa ideia em seus modos de pensar, estudar, pesquisar, escrever... *pesquisasvidas* que exigem presença, atenção, escuta.

Acreditamos e apostamos no coletivo, na solidariedade, na inclusão e não na exclusão; no acolhimento, em metodologias horizontais de ensino, estudos e pesquisa. Interrogamos esta lógica, ainda existente, de que a professora da universidade ou o professor da universidade sabe e pode mais que o professor, a professora da Educação Básica. Sabemos, por que experienciamos cotidianamente este movimento de *co-formação*: escola básica e universidade ensina e aprende uma com a outra. Formamo-nos, permanentemente, nos processos vivenciados.

Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira, sempre defendeu uma práxis e uma filosofia que têm uma relação intrínseca *com* a vida. Uma educação libertadora e, *contracolonial,* no dizer de Nêgo Bispo, Antônio Bispo dos Santos que, recentemente, se ancestralizou (em dezembro de 2023). É necessário, nos diz Nêgo Bispo, sem desistência, continuadamente, contrariar a lógica e o padrão hegemônicos, dominantes.

E, ao conhecer, através de um texto do Daniel, a existência das redes latino-americanas de formação docente, exclamo: UAU!! Existem coletivos organizados em redes de formação docente que se desafiam a colocar em prática princípios *práticosteóricos,* éticos e políticos nos quais acreditamos e apostamos há tanto tempo!

Quando conheci as redes, já vivenciava o desafio cotidiano de viver e trabalhar *no* e *com* o coletivo, de modo dialógico. Me formei, como professora e pesquisadora, no grupo de pesquisa: alfabetização dos alunos e alunas das classes populares (Grupalfa), coordenado de 1998 a 2016, pela professora Regina Leite Garcia/UFF que sempre nos dizia da urgência de uma aposta epistêmica, ética, política e metodológica no trabalho coletivo e da potência da prática interrogando e rompendo com a verticalidade nas relações entre as pessoas, adultas e crianças.

Regina me falou de um artigo do Daniel[2]. Leio o texto e comento com a amiga e professora Jacqueline de Fátima Morais[3] e um grupo de estudantes e professoras

[2] SUÁREZ, H. Daniel, Docentes, narrativa e investigación educativa. La documentación narrativa de las prácticas docentes y la indagación pedagógica del mundo y las

alfabetizadoras da riqueza da *formação docente em redes*, das redes existentes em diferentes países da nossa América Latina. Daí, ressalto: nós, há tempos, trabalhamos em rede. Vamos criar uma rede? E, em seguida, escuto: -mas, como criar uma rede? Respondo: -não sei como se cria uma rede, mas, acho que nós já trabalhamos em rede e não sabíamos. É essa a diferença, a gente só tem que se nomear com uma rede de formação docente! Vamos? Assim nasce a *Rede de Formação Docente: narrativas e experiências* (Rede Formad).

Aline, acho que você vai concordar comigo: Daniel é uma pessoa, um professor-pesquisador acolhedor e atento, um amigo. Conheci e fiz amizade com algumas e alguns brasileiros, de diferentes estados brasileiros, na Argentina, através do Daniel. Você, como já ressaltou nesta nossa conversa, é uma dessas amigas e parceira de trabalho e pesquisa, no campo da formação docente em redes. Quando nos conhecemos a opção pela *investigação-formação* na perspectiva da *pesquisa narrativa* já nos mobilizava. Nossas histórias, sentimentos, emoções, narrativas, experiências, desejos e, sobretudo, nossos corpos, importam em nossas ações docentes e investigativas. Importam e exigem opções teórico-epistemológicas, éticas e políticas inscritas em lógicas outras, outras linguagens e outro marco de pensamento. Sabemos que essas opções não são neutras e estão visceralmente articuladas aos nossos modos de ser, de pensar, de atuar, de viver.... logo, *pesquisasvidas*!

Acreditamos que um outro mundo é possível e esse outro mundo já existe em gestos muito simples, corriqueiros e cotidianos. Aprendi com os *estudos e pesquisas com os cotidianos*, a valorar *gestos mínimos* que podem fazer diferença em um contexto constitutivamente complexo, o mundo no qual vivemos. E, por ser complexo e não linear, o "controle" que aprendemos a acreditar ser possível, se dilui e o que ganha força é a incerteza, o ainda não pensado, ainda não saberes que, nas relações entre as pessoas, ganham contornos e possibilidades outras revelando-nos saberes, conhecimentos tecidos de modos singulares e coletivos, de modos participativos. Gosto de pensar na boniteza dessa perspectiva prático-teórica-prática, defendida, desde sempre, por Paulo Freire e também, na minha formação, por Regina Leite Garcia!

Nossas ações e coletivos de pesquisa, *pesquisasvida*, retroalimentam diferentes facetas nossas, como pessoas, professoras, pesquisadoras, mulheres brasileiras latino-americanas... E, nos darmos conta de que a cada dia, podemos ser e somos

---

experiencias escolares. In: SVERDLICK, Ingrid (comp.) *La investigación educativa* – una herramienta de conocimiento y de acción. 1ª ed., Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didático, 2007.

[3] Jacqueline, como Regina, ancestralizadas e sempre presente em nós e entre nós!
Nesta época, eu, Jacqueline, estudantes, da graduação e do mestrado, e professoras alfabetizadoras nos reuníamos, uma vez por mês, aos sábados, na UniRio, para pensarmos, estudarmos e conversarmos sobre nossas práticas e ações alfabetizadoras, com crianças e pessoas adultas.

diferentes do que temos sido, nos fortalece a vivermos esse processo formativo, sempre inacabado...

Aline, me lembro da sua defesa de doutorado. Eu e Daniel fizemos parte da Banca, na FURG. Conheci a professora Maria do Carmo, sua orientadora e a sala do grupo de pesquisa. Nesta sala quem nos recebia, na porta, era uma boneca-bruxa, linda, charmosa e de tamanho grande! Amei essa bruxa! E, enquanto conversávamos, sobre o trabalho de química realizado, por vocês nas escolas, com a presença dessa bruxa, imaginava as crianças pensando e aprendendo os conceitos com a alquimia de uma bruxa!
Saberes vinculados a imaginação que se articulam a vida das crianças, na escola e fora da escola... penso que as redes de formação docente potencializam esse processo de *aprenderensinar* brincante, dialógico, mágico e real, poético! A bruxa faz parte das ações de ensino e pesquisa da Rede Cirandar, coordenada inicialmente pela professora-bruxa, Maria do Carmo.

Mas, Allan, tu querias falar...

Allan: Lembro que o primeiro texto que li, da Carmen foi na graduação em 2013, em uma disciplina de alfabetização, no curso de Pedagogia, da UFF, em Angra dos Reis, no estado do Rio de janeiro.

Carmen: Na graduação?

Allan: Sim!

Carmen: Muito tempo! Olha os fios que nos constituem...

Allan: Carmen, acho que você foi professora do curso da Pedagogia em Angra, não foi?

Carmen: Sim. Fiz parte do movimento de criação do curso de pós como mestranda e professora da Escola Básica. Cursava à época, o mestrado, na UFF, sob a orientação da Professora Regina Leite Garcia. Atuava em uma disciplina, *Estudo Dirigido*, vinculada a um Núcleo de Pesquisa e o objetivo era o de conversar sobre textos de três ou quatro disciplinas que faziam parte do semestre de um determinado período/grupo de estudantes. Procurávamos perceber relações epistêmicas, teórico-práticas entre os textos conversados e a educação. Foi bacana!

Allan: Sim, era bacana! Em outro momento, a gente te conta essa história Aline, do Instituto de Educação lá Angra dos Reis.

Carmen: É uma história bonita e importante! Um curso de Pedagogia inovador! As professoras Regina Leite Garcia e Nilda Alves foram responsáveis pelo projeto e pela implementação deste curso.

Allan: É uma história muito bonita! Mas aí depois em 2015 eu, já no mestrado na UERJ/FFP com a professora Alessandra. Alê, como a chamamos, chega para mim e fala: -Olha, vai ter um curso que a professora Carmen Sanches vai oferecer com o professor Daniel Suárez e seria importante que você participasse. Eu, ainda um pouco tímido, chego no curso, que contava, também, com a participação da professora Ludmila Thomé, da UFRJ.

Aline: Então, é o mesmo curso, estivemos juntos!

Allan: Isso, é o mesmo curso. Neste curso conheci, pessoalmente, a professora Carmen Sanches e o professor Daniel Suárez.

Aline: E, os fios sendo tramados na conversa! Que lindo!

Allan: Quando você começou a falar, eu lembrei do curso. Acho que tenho uma foto inclusive, de Carmen, Daniel e Ludmila durante as aulas. Foram dois dias de encontros maravilhosos, maravilhosos, maravilhosos...

Aline: Aí terminamos o curso, era um final do dia assim... delicioso, como é no Rio de Janeiro e fomos até a orla da Urca e ficamos na mureta conversando. Foi lindo! Que curso!

Allan: E, desses encontros, com Carmen, Daniel e Ludmila escrevi, com Tiago Ribeiro, em 2015, um texto sobre infâncias e filosofia.

Aline: Eu fiquei pensando enquanto nos recordamos e contamos nossas histórias o quanto a formação inicial tem um compromisso na perspectiva de pensarmos as redes de investigação-formação docente. Acredito na importância de, desde a formação inicial, integrar e cultivar as redes e coletivos docentes. Allan resgata o encontro com Carmen lá na graduação. Enquanto vocês falavam fiquei pensando, o meu primeiro evento acadêmico, na licenciatura em Química. Foi um convite de Maria do Carmo. Ela disse: -Nós todos vamos ao Encontro de Investigação na escola (EIE). Vocês irão apresentar um relato de experiência. Na época, escrevemos sobre o componente curricular do estágio supervisionado. Maria consegue um ônibus, leva um grupo grande de estudantes até Porto Alegre. Fomos para o nosso primeiro evento acadêmico, isso lá nos anos de 2006. Chego na roda, pois os Encontros da *Rede de Investigação na Escola* (REDE RIE) são organizados em rodas em que um grupo de professores conversam em três turnos de trabalho. Chego tímida e só pensava: -O que vou falar? Na roda havia professores com uma larga caminhada. Estava o querido professor Maurivan Ramos, que recentemente nos deixou nesse plano, ele também esteve na minha banca de defesa de tese com Carmen. Voltando à roda do EIE, me senti tão acolhida pelo professor Maurivam que dizia: -Todos nós aprendemos aqui. Senti que ali eu tinha direito de fala, também!

Aí eu fico pensando Carmen: **Como a nossa aposta em redes reflete na formação inicial? Como estamos percebendo isso? O que fazemos dentro das**

nossas licenciaturas? Convido a puxar mais um fio que é pensar a formação inicial de professores.

Carmen: Você falava e eu me lembrava da primeira vez que apresentei um trabalho em um congresso. Foi com Regina, no COLE - Congresso de Leitura no Brasil, na Unicamp. Nós fomos um "grupão" também, mas, cada uma também apresentaria e falaria em diferentes espaços. Me lembro, também, do convite da Regina para que eu participasse do grupo de pesquisa, na UFF. Logo aceitei. Mas, depois fiquei pensando se devia ter aceitado, pois nem sabia o que era "pesquisar" e participar de um grupo de pesquisa! E, com este convite, ainda na graduação começo a me envolver com a pesquisa!

Aline, quando penso na potência do coletivo na graduação, uma ação de formação que possibilita a criação de redes, na graduação, é o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). O PIBID, de fato, na experiência vivenciada na UNIRIO, garantiu uma aposta no coletivo e na constituição de redes de formação fortalecendo relações dialógicas entre a escola e a universidade. No sub-projeto de Educação Infantil, vinculado ao Projeto institucional, da UNIRIO, investimos, como constitutivo de nossas ações, na escrita narrativa e na pesquisa na formação docente "inicial". Apostávamos na documentação e na reflexão de experiências pedagógicas como potencialidade para o processo de (trans)formar-se com o outro. Estarmos juntas na escola participando do vivenciado com as crianças, em sala de aula, e podermos realizar as rodas de conversas, onde pensávamos o vivenciado, com a participação das professoras, na escola, fez diferença!

Temos, como você destaca, muitas histórias para contar... a nossa própria história e a de estudantes, vinculados/as a nós, que participam de um grupo de estudos e de pesquisa. Os transbordamentos dessa experiência para a própria formação, como pessoas e docentes, escapolem, muitas vezes, às nossas compreensões! Mas, sabemos a diferença que pode provocar... formar-se no encontro com o outro, na articulação entre a prática e a teoria. Para mim, o ponto de partida, como aprendi com Paulo Freire, é a prática, pois as perguntas, inquietações, dúvidas, os ainda não saberes, ganham vida na prática, no lidar com as crianças, nas relações de *aprenderensinar.* Por que a criança não aprende? Não aprende? O que ela já me revela saber? Perguntas que me/nos levam a ler, estudar, conversar, (com)partilhar conhecimentos e, talvez, parar e olhar para a prática cotidiana de modos outros, a partir de outros modos de perceber, sentir, de dar sentidos a esse processo, sempre complexo!

Penso como você, Aline: trabalhar na perspectiva das redes de formação convida-nos a vivenciarmos a perspectiva do trabalho coletivo, com ações pautadas na horizontalidade, democráticas e alteritárias. Ainda é um desafio pensar as diferenças como vantagem pedagógica afastando-nos de práticas pedagógicas que classificam e terminam excluindo crianças, jovens e adultos que "não acompanham" a turma, colocando-os no lugar dos que têm "dificuldades de aprendizagem". O princípio da alteridade, do meu ponto de vista, exige pensarmos a diferença e modos singulares de ser, de aprender, viver... Mas, isso é desafiador!

Como lidar com as diferenças que nos constitui como pessoas? Aprendi com Carlos Skliar, professor, filósofo e poeta, a desconfiar da expressão "respeito" às diferenças. Skliar nos diz, mais ou menos, desse modo: *respeitar a diferença pode significar, na prática, respeitar o diferente, respeito que termina sendo compreendido como "tolerância" ao diferente.* Faz toda a diferença assumir o desafio de trabalharmos com a diferença elegendo o princípio da alteridade como constitutivo das relações vivenciadas. O encontro com uma outra pessoa, diferente de mim, pode ampliar nossos modos de pensar, de ser, de viver, de *aprenderensinar.* Esta é a riqueza e o desafio das relações experienciadas nos processos educativos, pedagógicos e, sempre, formativos.

E retomo a nossa experiência com o PIBID e as conversas tecidas com Daniel sobre viver o processo de *Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas* (DNEP), um dispositivo de formação docente, com estudantes da graduação, em cursos de licenciatura. Daniel argumentava que esse processo envolve necessariamente a experiência pedagógica e, nós duas, destacávamos a experiência docente vivenciada pelas/os estudantes nas escolas, em interação com as crianças e as/os professores/as.

Aline: E sabe o que é mais bonito nesses nossos rizomas, nossas redes, é que agora Daniel me recebe para pós-doutorado e quando me apresenta, aqui na FILO/UBA, me apresenta como coordenadora do PIBID, de um Programa inovador no Brasil que promove a parceria da escola e da universidade e a escrita narrativa. Então, agora tu comentaste, e realmente eu lembro de nós duas dizer: "Daniel nós fazemos"! A minha tese mostra isso...

Sabemos o quanto lutamos pela continuidade deste Programa. E, agora temos aí a grata conquista do aumento no valor das bolsas, uma luta histórica. Falar do PIBID vai ser o último fio da nossa conversa, por hoje! Estou no PIBID desde o seu início, no ano de 2009, quando chego no mestrado, Maria do Carmo estava enviando como projeto institucional o primeiro projeto do PIBID. O PIBID foi a realização de um sonho dentro dessa universidade, pois possibilita a valorização da docência desde a formação inicial, reconhecendo a importância da escola como lugar de formação. E, nesses mais de quinze anos de PIBID na FURG, tive a oportunidade estar como como coordenadora institucional em dois editais.

Carmen, fico pensando o quanto o PIBID, a história do PIBID também nos constitui como professoras que somos e está consolidando uma história também de pesquisa, de outras relações entre a escola e a universidade e nas experiências vivenciadas com as redes de formação docente. Fico pensando o que mais podemos fazer em termos de oportunizar essa construção que é conjunta e cooperativa entre escola e universidade. E, de que forma vamos também consolidando o que sempre almejamos que é uma autonomia das próprias redes de *investigação-formação-docente.*
Enredamentos rizomáticos que nos constituem, eu, enquanto Rede RIE (Rede de Investigação na Escola) e Rede Cirandar e tu enquanto Rede Formad... digo que estamos compondo um movimento que é rizomático. Eu não digo que eu sou da

RIE, ou Ciradar e você, Formad. Para mim sou RIE, Cirandar e Formad, porque somos REDES!

Carmen: Sim, somos REDES!

Aline: Lembro das redes da Colômbia quando nos convidam para aquele movimento das *mingas* durante o IX encontro do Ibero (Encontros internacionais que reúnem redes e coletivos docentes de diferentes países da América Latina), o realizado de modo remoto, durante a Pandemia/COVID19. Seria um movimento de *cartonarrar* o que se vive no local? *Cartonarrar* o que vivemos nesse movimento de redes?

Allan: Ótimo! Eu queria que você falasse um pouco mais, detalhasse sobre as *mingas de pensamento pedagógico.*

Carmen: Eu não sabia nada sobre as mingas. Você sabia, Aline?

Aline: Eu também não, aprendi à medida que fomos vivendo na experiência em rede.

Allan: Eu também...

Carmen: Allan, foi no contexto pandêmico que um grupo de professora/es vinculadas/os ao *Colectivo de Convocantes de Colombia* apresentou a proposta de trabalharmos com *as mingas de pensamento pedagógico* como metodologia dos encontros do Ibero. Ressaltaram que em suas buscas conheceram um dos legados das comunidades indígenas, as *mingas de pensamento*: forma coletiva que permite o encontro das comunidades indígenas para a união de critérios e de força de trabalho por um objetivo comum. As mingas fortalecem a reciprocidade, a unidade e a solidariedade. E, se pensarmos em princípios e ações presentes também na cultura africana vamos perceber a presença das *mingas,* logo, do meu ponto de vista, um modo de pensar e agir ancestral! Não por acaso, estão bastante presente nas ações de pessoas das classes populares, na educação popular, pois são ações coletivas que envolvem a ajuda e o cuidado.

Durante o ano de 2021, nos encontros de re-planejamento e re-organização do *IX Ibero* (Encuentro Iberoamericano de colectivos y redes de maestros, maestras, educadores y educadoras que hacen investigación, trasformación e innovación desde su escuela e comunidad)[4], vivenciamos duas oficinas internacionais de *Mingas de Pensamiento Pedagógico,* coordenadas pelo *Colectico de Convocantes de Colombia*, anfitrião do IX Ibero.

[4] O IX IBERO estava previsto para acontecer na Colômbia, de modo presencial, no ano de 2020. Por conta da Pandemia/Covid 2019, o Ibero aconteceu de forma remota, em dezembro de 2021.

Uma Minga, Allan, é constituída por alguns momentos: saudação; harmonização; palavras maiores; circulo da palavra; compartilhar (saber, fazer, sentir); aportes; construção de uma agenda comum e o ritual de encerramento. Fomos aprendendo no viver a *minga* a importância, a abertura e a força para a construção coletiva de saberes, de espações para escutar, pensar e conversar...
E no encontro (remoto) do IX Ibero, em dezembro de 2021, fomos responsáveis, enquanto redes brasileiras, por coordenar uma *minga de pensamento pedagógico.* Ana Paula, amiga, professora alfabetizadora e contadora de história, vinculada a Rede Formad, no momento da harmonização, contou uma história africana, com palavras, gestos e sons convidando-nos a estarmos presentes e atentas/os às palavras, a circulação da palavra. Nas *mingas*, todos e todas tem voz e direito a falar, concordando, discordando, propondo caminhos e sínteses, compartilhando saberes e conhecimentos... fomos nos dando conta que as *mingas pedagógicas* potencializam princípios constitutivos do trabalho de formação docente em redes: solidariedade, horizontalidade, igualdade, alteridade, diferença/singularidade, trabalho coletivo.

Aline: Com esse movimento que vivemos aqui, de resgatar essas lembranças com as redes, com o Ibero, fui buscar o relatório que escrevemos desse vivido. Um relatório extenso, de vinte páginas, com vozes do Brasil, México e Colômbia. Memórias...

Allan: Precisamos fazer mais *mingas*...

Carmen: É, fiquei pensando, devíamos viver *mingas*, na graduação...

Allan: Uma aula como uma *minga!*

Aline: Uma aula como uma *minga*. Experiências que nos possibilitam compor histórias com os coletivos de docentes em redes. Vivenciar *pesquisasvida* desse lugar do prazer, da curiosidade, do encontro, dos corpos que narram, do amor, do afeto.
Querid@s, vamos precisar finalizar, mas como encerrar uma conversa quando a gente não quer encerrar? Lembrei de uma peça de teatro que assisti, "Alquimia", de Graziela Borges. Uma atriz argentina de quase 90 anos, muito reconhecida no campo literário. Sua peça de teatro não tem um início, meio e fim já previsto e planejado, por isso o nome "Alquimia", uma peça que vai sendo composta na medida que vai sendo vivida e encenada. E, durante a peça, Graziela Borges resgatou um lindo poema de Vinicius de Moraes, "Poema do amigo", no movimento de relembrar a sua amizade com Vinícius. Com este poema finalizo a nossa conversa:

Se busca un amigo. No importa que sea hombre o mujer, basta que sea humano, basta que tenga sentimientos, basta que tenga corazón. Se necesita que sepa hablar y callar, y sobre todo que sepa escuchar. Tiene que disfrutar de la poesía, de la madrugada, de los pájaros, del sol, de la luna, del canto, de los vientos y de las canciones de la brisa. Debe tener amor, un gran amor por alguien, o sentir entonces

la falta de ese amor. Debe amar al prójimo y respetar el dolor que los peregrinos llevan consigo. Debe guardar el secreto sin sacrificio. Debe hablar siempre de frente y no traicionar con la mentira y la deslealtad. No debe tener miedo de enfrentar nuestra mirada...

Se busca un amigo para compartir los mismos gustos, que se conmueva cuando es tratado de amigo. Que sepa conversar de cosas simples, de lloviznas y aguaceros. Se precisa un amigo para no enloquecer, para contar lo que se vio de bello y de triste, de los anhelos y de las realizaciones, de los sueños y de la realidad. Deben gustarle las calles desiertas, los charcos de agua y los caminos, el borde de la calle y acostarse en el pasto. Se precisa un amigo que nos diga que merece la pena vivir, no porque la vida es bella, sino porque estamos juntos. Se necesita un amigo para dejar de llorar, para no vivir de cara al pasado. Que nos palme los hombros, sonriendo o llorando, pero que nos llame amigo, para tener conciencia de que aún estamos vivos.

Carmen: As redes, as redes vão abrindo possibilidades. Construímos muitas amizades. E temos um *comum* para compartilhar, para apostar e esperançar... Acho que viver sem ter um *comum* entre nós, deve ser desanimador...

Aline: Penso que esse *comum* está nessa beleza! Agradecida por estar com vocês!

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)